

Análise de Discurso Crítica: o tratamento dado pela Mídia e pelo Estado aos Dependentes Químicos

Lilian Lima Maciel*
Luana Alves da Silva^o
Maria Aparecida Resende Ottoni[†]

Resumo: Neste artigo, apresentamos uma análise de um artigo de opinião, intitulado “Inversão de valores...” postado no blog <http://diegonovaes.blogspot.com>, com base nos pressupostos teóricos da Análise de Discurso Crítica. Apoiamo-nos especialmente no arcabouço teórico-metodológico de Chouliaraki & Fairclough (1999). Desse arcabouço, trabalhamos com: o problema; análise da conjuntura; análise da prática da qual o discurso é um momento; e análise do discurso. No artigo, o autor mostra que há diferentes tratamentos que são dados pela mídia e pelo Estado a dois tipos de dependentes químicos, em função da posição socioeconômica de cada um. Mostra, ainda, que, como efeito da engenharia do consenso e dos modos de operação da ideologia, nós legitimamos a diferenciação entre esses dois grupos. O trabalho destaca a necessidade da reflexividade por parte dos leitores e produtores, para que não sejamos meros reprodutores de um discurso e de práticas hegemônicas.

Palavras-Chave: Discurso; Mídia; Dependentes químicos.

Abstract: In this article, we present an analysis of an opinion article entitled “Inversão de Valores...” (Reversal of Values), posted on the blog <http://diegonovaes.blogspot.com> based on the theoretical framework of Critical Discourse Analysis. Our analysis was especially based, theoretically and methodologically, on Chouliaraki & Fairclough (1999). From this framework we work with: the problem, analysis of the conjuncture, analysis of the practice of which the discourse is a part, and discourse analysis. In the opinion article, the author shows us that there are different ways of treating two kinds of chemical dependents by the media and by the State, depending on the socioeconomic status of each. It also shows us that, as an effect of the engineering of the consensus and of the ideological ways of operating, we legitimate the differentiation between these two groups. The work highlights the need for reflexivity by both readers and producers, so that we are not mere reproducers of a discourse and of hegemonic practices.

Keywords: Discourse; Media; Chemical dependents

1. Introdução

Neste artigo, apresentamos os resultados de um trabalho desenvolvido no 2º semestre de 2010, no qual procuramos aplicar os conhecimentos de Análise de Discurso Crítica. Nosso propósito é analisar um artigo de opinião, intitulado “Inversão de valores...”, postado no blog de Diego Novaes¹, <http://diegonovaes.blogspot.com>, com

* Graduanda do curso de Letras - (Instituto de Letras e Linguística - UFU).

^o Graduanda do curso de Letras - (Instituto de Letras e Linguística - UFU).

[†] Doutora em Linguística; professora do Instituto de Letras e Linguística da UFU.

¹ O blogueiro Diego Novaes, segundo informações presentes no próprio blog, é chargista editorial e ilustrador.

base, especialmente, no modelo teórico-metodológico de Chouliaraki & Fairclough (1999). O texto encontra-se em anexo.

O artigo analisado mostra dois tipos de dependentes químicos e evidencia tratamentos diferenciados, por parte da mídia e do Estado, a esses dois tipos, a depender da posição socioeconômica do dependente.

A escolha do artigo deve-se à relevância social do tema e à necessidade de discussão e de uma abordagem crítica dos discursos sobre dependência química e da forma como os dependentes são representados linguisticamente e imageticamente.

Do modelo de Análise de Discurso Crítica de Chouliaraki & Fairclough (1999), trabalharemos com as seguintes categorias: um problema; análise da conjuntura; análise da prática da qual o discurso é um momento e análise do discurso. Essa delimitação deve-se ao fato de que consideramos que elas dão conta da essência do arcabouço para o que nos propomos a fazer. Por meio delas, acreditamos que é possível evidenciar a produtividade da proposta para análise dos diferentes gêneros e discursos que circulam na sociedade e das identidades neles e por eles construídas.

2. A Análise de Discurso Crítica

Nossa análise tem como base teórica os pressupostos da Análise de Discurso Crítica, especificamente o arcabouço de Chouliaraki & Fairclough (1999). Nesse modelo o objetivo é refletir sobre a mudança social contemporânea e sobre as mudanças globais de larga escala na vida social. Para alcançar esse objetivo, a Análise de Discurso Crítica, ADC, propõe uma reflexão sobre o discurso na perspectiva da Modernidade Tardia.

A visão científica de crítica social da ADC disponibiliza base científica para um questionamento crítico da vida social em termos políticos e morais, ou seja, em termos de justiça social e poder (FAIRCLOUGH, 2003, p. 15). O enquadramento no campo da pesquisa social crítica sobre a modernidade tardia justifica-se pela apresentação da ADC como uma contribuição para as propostas sistemáticas da pesquisa social crítica sobre o momento discursivo de práticas sociais da modernidade tardia, período em que a linguagem passou a ocupar o centro do modo de produção do novo capitalismo. A teoria e a análise linguística e semiótica, por sua vez, auxiliam a prática interpretativa e

explanatória a respeito das consequências e efeitos sociais que podem ser desencadeados pelos sentidos dos textos.

Nessa fase da modernidade, os autores apresentam aspectos de teorias sociais críticas que podem ser complementados pela ADC bem como complementá-la nas análises de cunho social.

O conceito de Modernidade Tardia, por exemplo, recebe contribuições de Giddens (1991, 2002), que a define como a presente fase de desenvolvimento das instituições modernas, marcada pela radicalização dos traços básicos da modernidade, quais sejam: a separação de tempo e espaço; os mecanismos de desencaixe e a reflexividade institucional (GIDDENS, 1991, p. 25-36; 2002, p. 221). Em vários aspectos, as instituições modernas apresentam certas discontinuidades com as culturas e modos de vida pré-modernos em decorrência de seu dinamismo, do grau de interferência nos hábitos e costumes tradicionais, e de seu impacto global (GIDDENS, 2002, p. 22).

O deslocamento das relações sociais de contextos e práticas locais e sua reestruturação em extensões indefinidas de tempo-espaço dependem de dois *mecanismos de desencaixe*: as fichas simbólicas e os sistemas especializados (sistemas peritos), que separam a interação das particularidades do lugar. Fichas simbólicas, como o dinheiro, por exemplo, são meios de troca que têm um valor padrão, sendo assim intercambiáveis numa pluralidade de contextos. Sistemas especializados ou peritos, por sua vez, consistem em modos de conhecimento técnico que têm validade independente dos praticantes, dos clientes que fazem uso deles, do tempo e do espaço. A *reflexividade institucional* da modernidade tardia concerne ao conhecimento produzido pelos sistemas especializados e ao seu alcance espaço-temporal ampliado pela tecnologia dos meios de comunicação.

O ponto de partida para o enquadre teórico-metodológico de 1999 é a concepção da vida social como constituída de práticas, e da prática social como ação habitual da sociedade institucionalizada, traduzida em ações materiais, em modos habituais de ação historicamente situados.

Práticas são, então, “maneiras habituais, em tempos e espaços particulares, pelas quais pessoas aplicam recursos – materiais ou simbólicos – para agirem juntas no mundo” (CHOULIARAKI e FAIRCLOUGH, 1999, p. 21). As práticas, assim

compreendidas, são constituídas na vida social, nos domínios da economia, da política e da cultura.

Nessa perspectiva, o discurso é visto como *um* momento da prática social ao lado de outros três momentos igualmente importantes – e que, portanto, também devem ser privilegiados na análise. Por meio de análise de amostras discursivas historicamente situadas pode-se perceber a internalização de outros momentos da prática no discurso.

Assim, uma *prática particular* envolve configurações de diferentes *elementos* da vida social. Uma vez que esses diversos elementos da vida são reunidos em uma prática específica, são chamados de *momentos da prática* e cada momento é visto como *internalizando* os outros sem ser redutível a ele. Os momentos de uma prática são, então, *articulados*, ou seja, estabelecem relações mais ou menos permanentes como momentos da prática, podendo ser transformados quando há recombinação entre os elementos. O conceito de articulação pode ser estendido para cada um dos momentos de uma prática, pois também eles são formados de elementos em relação de articulação interna. Por exemplo, o momento discursivo de uma prática é formado pela articulação de recursos simbólicos / discursivos, tais como tipos de discursos, gêneros e vozes.

Chouliaraki e Fairclough (1999) consideram a linguagem como parte irredutível da vida em sociedade. São conceitos importantes dessa abordagem *discurso e prática social*. Ainda segundo os autores supracitados, a ADC está situada na ciência social crítica e na pesquisa crítica sobre a mudança social na sociedade moderna posterior (CHOULIARAKI e FAIRCLOUGH, 1999).

O termo “modernidade posterior” é usado por Giddens (1991) para se referir às transformações sociais, culturais e econômicas acontecidas nas três últimas décadas do século XX. Neste período os avanços tecnológicos na informação e na mídia separaram os signos de sua localidade específica, o que permitiu sua livre circulação nos limites temporais e também espaciais.

No modelo de 1999, conforme afirma Ottoni (2007), temos uma nova visão da ADC, diferente das anteriores. Nesse modelo, a ADC é considerada não só como teoria como método também. “Enquanto um método para análise das práticas sociais, com particular consideração para os momentos do discurso, liga teoria e prática, realizando análise de práticas que acabam por ser construções teórico-práticas de discursos na vida social.” (OTTONI, 2007, p. 110).

Apresentamos, a seguir, o arcabouço analítico proposto por Chouliaraki & Fairclough (1999, p.60), o qual será utilizado em nossa análise:

1. Um problema (é essencial como o definimos em uma pesquisa. Essa definição determinará o encaminhamento de uma investigação científica)
2. Obstáculos na superação do problema
 - a) análise da conjuntura
 - b) análise da prática da qual o discurso é um momento:
 - (i) a(s) prática(s) é relevante para o problema?
 - (ii) Relação do discurso com outros momentos
 - . discurso como parte da atividade
 - . discurso e reflexividade.
 - c) análise do discurso:
 - . análise estrutural: a ordem do discurso
 - . análise interacional: - análise interdiscursiva
 - análise linguística e semiótica.
3. Funcionamento do problema na prática
4. Possíveis maneiras de resolver o problema
5. Reflexão sobre a análise.

Na próxima seção, apresentamos a análise do artigo de opinião selecionado, com base nas categorias delimitadas desse modelo.

3. A Análise da Representação dos Dependentes Químicos

Como dissemos, adotamos, para a análise dos dados, o arcabouço teórico de análise de discurso crítica proposto por Chouliaraki e Fairclough (1999). De acordo com esses autores, a vida social é o objeto de estudo da ciência social, e, particularmente, da Ciência Social Crítica. Segundo eles, a vida social é feita de práticas sociais, que por sua vez são compostas de momentos e o discurso constitui um momento dessa prática. São as práticas e estruturas sociais que determinam as escolhas linguísticas que fazemos em nosso discurso, ao mesmo tempo em que as práticas e as estruturas são influenciadas pelo nosso discurso.

3.1 Um problema

A ADC se inicia pela percepção de um problema relacionado ao discurso em alguma parte da vida social. Os problemas dizem respeito a atividades da vida social, ou à construção reflexiva da prática social.

No artigo analisado é retratado o problema dos diferentes tratamentos que são dados pela mídia e pelo Estado aos dependentes químicos, dependendo da sua posição socioeconômica. Quanto aos dependentes químicos que são artistas famosos ou que pertencem à classe dominante, há todo um sentimento de compaixão, de solidariedade, de torcida para que se recuperem rapidamente. Quanto aos que têm o mesmo problema, mas que são de classe econômica e social baixa, o tratamento é bem diferente. São tratados como marginais e criminosos.

Sendo a imprensa formadora de senso-comum e fortalecedora da hegemonia, exerce grande influência sobre a sociedade e a sua imparcialidade leva o leitor a construir uma visão unilateral das notícias que lhe são apresentadas. Para fugir dessa unilateralidade é necessário maior senso de criticidade por parte dos leitores.

3.2. Obstáculos a serem enfrentados

São propostos três tipos de análise que conjuntamente podem especificar os obstáculos para enfrentar o problema: *análise da conjuntura*, *análise da prática da qual o discurso é um momento* e *análise do discurso*.

a) Análise da conjuntura

As conjunturas reúnem pessoas, materiais, tecnologias e práticas em torno de projetos sociais específicos e podem reunir diferentes instituições. A análise se volta para a configuração das práticas em que o discurso em foco se situa e o objetivo é dar uma visão do quadro da prática social em que o discurso se localiza. Na análise da conjuntura mais imediata em que o discurso se dá, focaliza-se o relacionamento do discurso com os processos de produção e consumo.

O artigo analisado foi postado no blog em dezenove de dezembro de 2009, meses após uma entrevista com o ator Fábio Assunção ser exibida no programa Fantástico, em horário nobre da Rede Globo. Na entrevista, Fábio falava de sua internação e da recuperação do vício das drogas. No final de 2008, o ator global foi

afastado da novela *Negócio da China*, na qual exercia papel de protagonista, devido ao seu vício em cocaína. Também em matéria de capa da revista *Veja* de 19 de novembro de 2008, há relatos sobre o que acontecia com o ator em função do consumo de drogas: chegava atrasado às gravações; não conseguia mais decorar os textos; fumava sem parar; não ensaiava mais com os colegas; enfim, a sua permanência na novela se tornara impossível. Não foi a primeira vez que o ator passou por esse tipo de situação. Em 2007, durante as gravações da novela *Paraíso Tropical*, os constantes atrasos já sinalizavam que o problema com as drogas já estava influenciando na carreira do ator, que, por seu talento e beleza, consagrou-se como ator da Rede Globo.

Tanto a entrevista exibida pelo *Fantástico* quanto a matéria da revista *Veja* veicularam a notícia do envolvimento de Fábio Assunção com a cocaína como sendo um problema passageiro a ser enfrentado pelo ator. A assessoria dele juntamente com a Rede Globo minimizaram o episódio e tentaram colocá-lo como vítima.

No Brasil, segundo França e Rogar (2009), o mundo dos artistas, celebridades e pessoas de classe social mais abastada costuma ser permissivo em relação às drogas. Algumas das justificativas são:

“seu consumo é considerado "recreativo", ou, nos casos mais estúpidos, "inspirador". O uso dessas substâncias entre esse grupo de pessoas é consentido, quando não é claramente valorizado como parte da experimentação que deve acompanhar o ato de criação artística.”
(FRANÇA & ROGAR, 2009).

Na mesma matéria sobre o ator Fábio Assunção, a revista *Veja* dá exemplos de artistas brasileiros que se envolveram com drogas e ressalta que alguns deles tiveram final trágico. A cantora Elis Regina, morreu aos 36 anos de overdose de cocaína, mesmo fim que teve a cantora Cássia Eller, em 2001. A atriz Vera Fischer foi afastada de novelas e perdeu a guarda dos filhos. O também ator Felipe Camargo foi outro que se afastou da telinha devido ao seu envolvimento com as drogas. Enfim, não faltam exemplos de pessoas famosas que sofreram graves consequências em suas vidas em virtude do vício em drogas.

O que nem todos conseguem perceber é que o mesmo problema, que atinge pessoas ricas e famosas, atinge também pessoas pobres e desconhecidas. O que acontece é que os pobres e desconhecidos que se envolvem com drogas são tratados como criminosos, bandidos, marginais, tanto pela mídia como pela sociedade e Estado, ao passo que os outros, muitas vezes, são dignos de compaixão e apoio.

b) Análise da prática da qual o discurso é um momento

Chouliaraki e Fairclough (1999) caracterizam o discurso como um momento das práticas sociais que internalizam outros momentos e tanto os influencia como é influenciado por eles, em uma relação dialética.

O discurso analisado faz parte da prática social midiática de produção de blogs. Estes se tornaram, nos últimos anos, com o avanço tecnológico, um dos principais meios de comunicação. Hoje os blogs deixaram de ser somente um “diário virtual” e são vistos como uma importante fonte de informação e ferramenta de trabalho, tornando-se um espaço de disseminação de pensamentos e informações relevantes para a sociedade. Uma das características mais singulares desse meio de comunicação é a possibilidade constante de atualização das informações.

No texto retirado do blog de Diego Novaes, temos uma mescla dos gêneros charge e artigo de opinião que estão dentro do gênero blog o qual tem como suporte o sítio em canal virtual.

No artigo de opinião retirado do blog de Diego Novaes, percebe-se que os atores sociais são tratados conforme o contexto social em que vivem, em que um dependente químico é representado em uma charge por um artista famoso que recebe o apoio da mídia e é visto com certa solidariedade, e alguém que luta pela vida, enquanto dependente químico anônimo exemplificado por uma pessoa negra e pobre, reprimido pela polícia.

Notamos, a partir destas representações, que a crítica feita pelo autor à sociedade é uma maneira de expor problemas do cotidiano que precisam ser solucionados. O problema citado sobre o uso de drogas é percebido conforme a ironia apresentada na charge que, juntamente com o texto verbal do artigo, propõe aos leitores uma mudança social por meio do discurso.

No corpus analisado, o discurso recebe influências do contexto social em que o ator Fabio Assunção, segundo a mídia, tentava se recuperar do vício em drogas. Este fato também influencia dialeticamente a construção do discurso pelo autor que faz uma análise reflexiva da prática social apresentada e formula uma proposta de intervenção na sociedade por melhores tratamentos entre os indivíduos sem distinções de classe. Esta

proposta também recebe influências do pensamento marxista que expõe a divisão social de classes e a luta entre elas, em que a infraestrutura determina a superestrutura, ou seja, a prática social que evidencia as maneiras de tratamento dadas aos dependentes é baseada nas condições materiais que dominam as relações sociais.

A ADC trabalha com as brechas que o discurso possibilita de percepção das relações de dominação. Verificamos no discurso de Diego Novaes lutas hegemônicas em que os grupos sociais retratados tentam se colocar sobre o outro. No exemplo, temos a mídia como grupo dominante que impõe sobre os telespectadores a ideologia de diferenciação entre classes em que os direitos da elite sempre são exaltados e o uso da força legitimada pela polícia que repreende o indivíduo de menor posição social. Em contraposição, temos a classe baixa da população constituída pelos sujeitos pobres, provavelmente sem alfabetização ou com a mínima formação acadêmica, que utilizam drogas até mesmo como fuga da realidade da qual participam.

O modelo de 1999 da ADC também trata de questões ideológicas como um momento das práticas sociais.

A respeito dos modos de operação da ideologia, que são estratégias de manutenção das relações de dominação, Resende e Ramalho (2006) afirmam que a *legitimação* é o que confere a manutenção e estabelecimento das relações de dominação devido à credibilidade delas como justas e legítimas. A *dissimulação* opera com a sustentação de relações de dominação por meio de sua negação ou ofuscação. O *expurgo do outro* é a representação simbólica do grupo considerado entrave para a manutenção do poder hegemônico como inimigo, e por isso, deve ser combatido.

No discurso focalizado, verificam-se os modos de operação da ideologia:

1. legitimação: o uso da força policial é legitimada, é transmitida a ideia de universalização quanto as ações policiais que devem atuar na repreensão de usuários, além da inversão de valores onde os dependentes químicos são generalizados.
2. dissimulação: a mídia veicula a mesma ação de envolvimento com drogas por um artista famoso com eufemizações na intenção de ofuscar o problema.
3. expurgo do outro: em que o sujeito com baixa condição sócio econômica sempre é marginalizado da sociedade e sofre maiores consequências por essa ação,

enquanto um indivíduo que possui fama e boas condições financeiras ao cometer atos ilícitos é inocentado.

De acordo com o modelo de Fairclough e Chouliaraki, consideramos que o problema apresenta obstáculos para serem superados. Verificamos no artigo que o autor atribui à mídia a responsabilidade por diferenciar os sujeitos e amenizar a culpa daqueles que pertencem à elite. Ele cita no texto opinativo que os telespectadores são incentivados a se comoverem com a situação de um famoso que utiliza drogas e a julgarem como pessoas de má índole os que não possuem melhores condições socioeconômicas. Isso constitui uma representação de valores, crenças e de relações de poder evidentes em nossa sociedade.

Sendo assim, é fundamental que se desenvolva a reflexividade a partir de temáticas como a representada no artigo em análise, para que esses valores, crenças e relações de poder possam ser repensados e transformados.

c) Análise do discurso

Este modelo de análise de discurso, o qual escolhemos, propõe uma análise que esteja voltada para o linguístico e o semiótico. É preciso que nos voltemos para a *estrutura* e para a *interação* contidas no texto. Por meio da estrutura poderemos analisar a rede de ordens de discurso contidas no discurso analisado, bem como saber a que discursos e vozes o texto recorre. Na interação verificaremos como os gêneros e discursos são trabalhados no texto; aqui é importante nos voltarmos à noção de *interdiscursividade*.

Notamos que o texto analisado insere-se nas *ordens de discurso política, econômica e midiática*, uma vez que retrata uma questão política, econômica e social evidente em nossa sociedade e está veiculado em um blog. O gênero ao qual pertence é o artigo de opinião, no qual se evidencia uma postura crítica do autor e sua opinião acerca da diferenciação de tratamento do Estado Brasileiro em relação a dois tipos de dependentes químicos: um ator global e uma “pessoa comum”.

Por meio de passagens do texto analisado, explicaremos como o texto se constitui, quais as escolhas lexicais feitas pelo autor para construir a representação

identitária dos atores sociais, como a ideologia opera, como se dá a interdiscursividade e a intertextualidade presentes no texto.

De acordo com Resende e Ramalho (2006), a interdiscursividade é a possibilidade de um mesmo aspecto do mundo ser representado segundo discursos diferentes, ao apresentar o mesmo aspecto do mundo, os textos podem articular diferentes discursos, em relações dialógicas harmônicas ou polêmicas. Já a intertextualidade diz respeito a uma questão de recontextualização, ou seja, um movimento de um contexto a outro, o qual tem como consequência transformações particulares dependendo de como acontece a movimentação e de como o material se apresenta no novo contexto.

O autor usa o termo “engenharia do consenso” para se referir à união estabelecida entre a mídia e o Estado Brasileiro, que contribui para a condição de diferenciação entre os atores envolvidos na crítica, o ator global que se droga e o indivíduo que se droga e não tem “bom” status social. Tal engenharia age na mente das pessoas, contribuindo com a permanência da diferenciação de tratamento dos indivíduos de acordo com o status social que possuem.

A engenharia do consenso molda as pessoas tornando-as acríicas

- (1) “Nos fazem aceitar como valores irrefutáveis coisas que não necessariamente precisamos ou queremos ou devemos aceitar, mesmo assim, quando nos damos conta, estamos sendo moldados à imagem e semelhança daqueles que se colocam no papel de artífices do destino, dos costumes e do comportamento social.”
- (2) “A engenharia do consenso é pensada para guiar nossos valores nos mínimos detalhes: enaltece o drama de uns e transforma outros em monstros.”
- (3) “O pensamento reflexivo vai dando lugar, pouco a pouco, a uma acriticidade tamanha.”

Para estabelecer o sentido de influência exercida pela mídia sobre as pessoas, foram usadas palavras e expressões como: “valores irrefutáveis” (para se referir ao que

nos é imposto pela engenharia do consenso), “moldados à imagem e semelhança” (para se referir à população que é manipulada), “artífices do destino, dos costumes e comportamento social” (para se referir ao Estado Brasileiro e à mídia).

A diferenciação é uma estratégia de construção simbólica da fragmentação (THOMPSON, 1995). Esta por sua vez constitui formas de segmentação de indivíduos ou grupos, os quais não podem permanecer unidos, pois esta união pode constituir um obstáculo à manutenção do poder. Por meio da diferenciação são enfatizadas as características que desunem e impedem a coesão dos grupos com objetivo de desestabilizar a luta pela hegemonia (RESENDE e RAMALHO, 2006). Vejamos como se dá a diferenciação no texto:

A diferenciação entre o ator global e a pessoa comum que se droga

- (4) “...assistimos comovidos ao drama de artistas famosos que lutam contra as drogas, torcemos pelo triunfo deles, pela sua recuperação. Mas outras pessoas são vítimas das drogas...marginais, lupemproletários sem teto, miseráveis..”.

Aqui o autor utiliza palavras e expressões para mostrar a visão da sociedade, que se sensibiliza com o ator global que usa drogas e condena o indivíduo sem status social na mesma condição: “comovidos, torcemos pelo triunfo deles, pela sua recuperação” (para se referir ao comportamento da sociedade diante do problema), “drama”, “lutam contra as drogas” (para mostrar o caráter diferenciado do problema vivido pelo ator global), enquanto que a “a pessoa comum” é pejorativamente caracterizada pela sociedade como “marginais”, “lupemproletários sem teto”, “miseráveis”.

Quanto à posição do autor do texto com relação à forma como a sociedade e os meios de comunicação tratam os usuários de drogas de diferentes status, pode-se perceber que ele faz escolhas lexicais as quais “justificam” as atitudes dos drogados sem status social. Tais escolhas lexicais evidenciam o autor como em posicionamento de crítica da situação revelada. Vejamos como a crítica do autor se inscreve no texto:

A posição de crítica do autor quanto à diferenciação

- (5) “Pessoas que roubam porque precisam da droga para ajudar a entorpecer a fome. Pessoas que não tem saída, nem perspectiva nem porvir, que estão à beira da morte física, pois já morreram espiritualmente há tempo.”

Pode-se perceber a posição de crítica do autor com relação à condição de diferença, na qual se encontram os atores sociais inscritos no texto e na figura ilustrativa. O autor “defende” a condição do drogado que não tem status algum, fazendo escolhas lexicais como: “roubam porque precisam da droga para ajudar a entorpecer a fome, não tem saída, nem perspectiva nem porvir, que estão à beira da morte física, pois já morreram espiritualmente há tempo”, mostrando razões as quais não são consideradas pela sociedade, os motivos são como uma crítica à sociedade, revelando que o usuário sem status se droga por motivos gerados pela própria condição social em que vive.

Foucault (1997) sugere que, nas sociedades modernas, o poder é exercido por meio de práticas discursivas institucionalizadas. Dessa forma, há um vínculo entre discurso e poder. Também nos trabalhos de Foucault é desenvolvido o princípio da *linguagem como espaço de luta hegemônica*. Dessa forma, grupos e indivíduos utilizam o discurso como forma de manter o poder hegemônico. Vejamos como se dá no texto a relação entre linguagem e manutenção de poder:

A garantia do poder pela classe dita dominante e alienação da população

- (6) “Enquanto isso a classe dita dominante se impõe à outra, a esmaga, a sufoca, (pois no fundo tem medo de sua revolta), usando todos os recursos disponíveis para garantir a manutenção de seu status.”
- (7) “No fundo nós sabemos disso sim. Mas preferimos ficar no conforto de nossos afazeres, sem dar muita atenção a isso tudo.”

A manutenção do poder pela classe dita dominante se dá por meio da influência que esta classe exerce sobre a dominada. A classe dominante se vale de recursos linguísticos veiculados pela mídia, os quais favorecem a visão do astro global usuário de

drogas como coitado, digno de misericórdia, enquanto o homem comum, não pertencente ao grupo privilegiado, é concebido pelos meios de comunicação como enalço da social marginal.

As consequências da acriticidade da população frente à atuação da engenharia do consenso (estado, mídia, instituições de poder) é a manutenção do poder da classe dominante. Tal influência é evidenciada pelas expressões “se impõe à outra, a esmaga, a sufoca e manutenção de seu status.”

O autor critica o posicionamento da população, afirmando que todos sabem da diferenciação desvantajosa que sofrem os indivíduos, quando pertencentes a classes não prestigiadas, porém preferem ficar na “zona de conforto” e aceitar o que é imposto pela engenharia do consenso.

Com relação à linguagem semiótica presente no texto, podemos notar que ao ator global é dada voz por ter acesso aos meios de comunicação, representados pela revista “Veja” e pela rede Globo de televisão, no primeiro quadro da charge abaixo, o que contribui para uma representação identitária positiva em relação à representação construída no segundo quadro.



Tais meios de comunicação fazem parte da engenharia do consenso, a qual age diferentemente com o indivíduo que não pertence ao grupo de grande status. Para este indivíduo há o silenciamento da sua voz, o que contribui para construção de identidade negativa deste ator social. Na charge que compõe o artigo de opinião, o dependente químico representado como “o primo pobre”, é apreendido pela polícia sem nenhuma

oportunidade de se defender ou justificar, caracterizando a violência com que são tratados alguns usuários de drogas.

Ainda sobre o ator social “primo pobre”, pode-se notar um preconceito racial na charge, visto que se trata de uma pessoa negra, o que sugere que este grupo étnico é mais susceptível à criminalidade e ao uso de drogas.

Com relação à interdiscursividade e à intertextualidade presentes no texto, percebe-se um interdiscurso entre a charge e o quadro de um programa humorístico da Rede Globo, do qual Chico Anísio participava, por meio dos dizeres contidos na charge: “Enquanto isso... existem dois tipos de dependentes químicos...o primo rico e o primo pobre”. É possível depreender ainda, no artigo, a intertextualidade com a Bíblia Sagrada por meio da expressão “à imagem e semelhança”, usada no texto para enfatizar a grandiosidade da capacidade da mídia em moldar o pensamento da sociedade, sugerindo até mesmo um poder comparado ao de Deus, que fez o homem à sua imagem e semelhança, segundo o livro sagrado.

Também é possível perceber a intertextualidade com o texto *Criminalização dos usuários de drogas- Quais usuários?*, de Souza (2009), disponível no site chamado: “A nova democracia”, no qual o autor critica a diferenciação dada pelo Estado e pela mídia aos usuários de classes socioeconômicas prestigiadas.

A respeito da interdiscursividade, encontramos o discurso político, o discurso policial, o discurso jurídico, o discurso da mídia e o discurso racista. A seguir, apresentamos alguns trechos em que esses discursos se evidenciam:

- (1) Discurso político: “O tratamento dado pelo Estado Brasileiro a uns e a outros é completamente diferente.”
- (2) Discurso policial: “Vai em cana meliante!!!”
- (3) Discurso jurídico: “...pessoas pautem suas vidas pelo que lhes são outorgados...”
- (4) Discurso da mídia: “Miseráveis viciados são tratados pela mídia, pela polícia e por nós como os piores criminosos.”
- (5) Discurso racista: Evidenciado pela figura do “primo pobre”, negro, mostrado na charge.
- (6) Discurso econômico/de classes sociais: “A diferença é apenas classe social (...) a classe dita dominante se impõe a outra (...), usando todos os recursos disponíveis

para garantir a manutenção de seu status. A luta de classes é travada também na mente das pessoas”

Sabemos que as escolhas feitas pelo produtor de um texto não são aleatórias. Elas contribuem para a construção de uma dada representação de mundo. No artigo em análise, acreditamos que esses discursos são trazidos para o texto no sentido de evidenciar todas as facetas do problema de dependência química presente em nossa sociedade. Servem, ainda, como argumentos para que o autor explicita que a questão das drogas passa pelas esferas política, policial, jurídica, midiática e econômica. E, como tal, envolve também aspectos relacionados à raça, à diferença de classe e de poder.

4. Considerações Finais

Esperamos que, com esta breve análise, tenhamos exemplificado a produtividade do modelo de Chouliaraki e Fairclough (1999) para a análise de diferentes gêneros e discursos que circulam em nossa sociedade.

Gostaríamos de salientar a proposta de reflexão sobre a nossa própria prática que está no bojo desse modelo. Temos clareza de que a análise apresentada não esgota todas as possibilidades e que apresenta suas limitações.

Contudo, apesar disso, acreditamos que a perspectiva aqui adotada contribui para a investigação dos diferentes discursos, para a discussão de temáticas sociais relevantes, para o desvelamento dos sentidos e para a construção de leitores críticos. Isso porque parte de uma proposta de uma abordagem linguística e socialmente orientada. Ela foi fundamental para análise da representação dos atores sociais, dos modos de funcionamento da ideologia e para a identificação dos obstáculos para a superação de um problema.

Como afirma Novaes, “A luta de classes é travada também na mente das pessoas. (...) No fundo, nós sabemos disso sim. Mas preferimos ficar no conforto de nossos afazeres, sem dar muita atenção a isso tudo.”. A atitude das pessoas ao ignorarem o que lhes é informado sobre os conflitos sociais constitui um obstáculo para a superação do problema. Então, a partir disso, conclui-se que uma possível forma de

superação seria enfrentar o problema e analisá-lo criticamente e não ignorar a sua existência.

5. Referências

ARAUJO, C. O que são blogs?. 2007. Disponível em: <http://www.infoescola.com/informatica/o-que-sao-blogs/>. Acessado em 21 de maio de 2011.

CHOULIARAKI, L; FAIRCLOUGH, N. **Discourse in Late Modernity**. Rethinking critical discourse analysis. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1999.

FAIRCLOUGH, N. **Analysing Discourse: textual analysis for social research**. London: Routledge, 2003.

FAIRCLOUGH, N. **Discurso e mudança social**. Coord. trad., revisão e pref. à ed. bras. de Izabel Magalhães. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do Saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.

GIDDENS, A. **As consequências da modernidade**. São Paulo: Unesp, 1991.

GIDDENS, A. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

LEAL, M. C. D. O discurso jornalístico sobre privatizações e protestos nas ruas. **D.E.L.T.A.** São Paulo, vol. 21: Especial, p. 73-92, 2005. Disponível: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44502005000300006

NOVAES, D.. **Inversão de Valores**. 2009. Disponível em <http://diegonovaes.blogspot.com/2009/12/Inversão-de-valores.html>.

OTTONI, M. A. R.. Nos caminhos da análise de discurso crítica: uma amostra de abordagem de um editorial jornalístico. **Letras & Letras**. Uberlândia, 23 (1), p. 105-122, jan./jun.2007.

RESENDE, V. de M. & RAMALHO, V. **Análise de discurso crítica**. São Paulo: Contexto, 2006.

SOUZA, H. R. C. **Criminalização dos usuários de drogas - Quais usuários**. 2009. Disponível: <http://www.anovademocracia.com.br/no-60/2557-criminalizacao-dos-usuarios-de-drogas-quais-usuarios->

THOMPSON, J. B. **Ideologia e cultura moderna**: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. Petrópolis: Vozes, 1995.

FRANÇA, R; ROGAR, S. A luta de Fábio. *Veja*. Edição 2087 de 19/11/2009. Disponível: http://veja.abril.com.br/191108/p_084.shtml

Programa Fantástico exibido 13/09/2009. Patrícia Poeta entrevista Fábio Assunção. Entrevista Fábio Assunção: "Dependência química me afastou das novelas". Disponível: <http://fantastico.globo.com/jornalismo/fant/0mul1302945-15605,00-fabio+assuncao+dependencia+quimica+me+afastou+das+novelas.html>

6. Anexo

Inversão de valores...



Está em nosso redor em todos os lugares, algo pernicioso, quase invisível, chamado engenharia do consenso. Nos fazem aceitar como valores irrefutáveis coisas que não necessariamente precisamos ou queremos ou devemos aceitar, mesmo assim, quando nos damos conta, estamos sendo moldados à imagem e semelhança daqueles que se colocam no papel de artífices do destino, dos costumes e do comportamento social. O pensamento reflexivo vai dando lugar, pouco a pouco, a uma acriticidade tamanha, que faz com que pessoas pautem suas vidas pelo que lhes são outorgados, e não pelos próprios desejos ou valores.

Pequeno exemplo, assistimos comovidos ao drama de artistas famosos que lutam contra as drogas, torcemos pelo triunfo deles, pela sua recuperação. Mas outras pessoas também são vítimas das drogas, muitas vezes passam por dramas e dilemas até bem mais sérios, a começar pelo fato de não terem a informação ou as perspectivas que um ator global tem. Marginais, lupemproletários, sem-teto, miseráveis, pode chamá-los do que quiser, caro leitor. Pessoas que roubam porque precisam da droga para ajudar a entorpecer a fome. Pessoas que não têm saída, nem perspectiva, nem porvir, que estão à

beira da morte física, pois já morreram espiritualmente há tempo.

O tratamento que o Estado Brasileiro dá a uns e a outros é completamente diferente. A diferença é apenas classe social. Miseráveis viciados são tratados pela mídia, pela polícia e por nós como os piores criminosos. Mas nos solidarizamos com o drama de pessoas famosas, ricas e bonitas que estão na mesma situação. A engenharia do consenso é pensada para guiar nossos valores nos mínimos detalhes: enaltece o drama de uns e transforma outros em monstros. O senso crítico que deveria nos alertar nessas horas vai se perdendo de vista, como se nunca tivesse existido. Enquanto isso, a classe dita dominante se impõe à outra, a esmaga, a sufoca, (pois no fundo tem medo de sua revolta), usando todos os recursos disponíveis para garantir a manutenção de seu status.

A luta de classes é travada também na mente das pessoas. No fundo, nós sabemos disso sim. Mas preferimos ficar no conforto de nossos afazeres, sem dar muita atenção a isso tudo. Já temos que pensar em muita coisa. O resto, deixamos que pensem por nós.